

INTERAÇÕES 2018

PEDAGÓGICAS

Time de ALFABETIZADORES

UNIDADE 2 – 05/03/2018

**PROGRAMA 2 – INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS: APONTAMENTOS
SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA ALFABETIZAÇÃO – TEXTO
COMPLEMENTAR.**

**INTERVENÇÕES INTERCULTURAIS EM PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO¹**

Viviane Conceição Antunes (UFRRJ)

Adriana Afonso (SME)

Adriana Querido (SME)

Denise Cruz Candido Miranda de Souza (SME)

Janaína Cruz da Silva Andrade (SME)

Maria de Nazareth Avelino (SME)

Resumo: Este artigo é um fruto da arte do encontro. Um encontro emocionado de professores, pedagogos, profissionais de diferentes setores² e mídias em prol de um breve e relevante debate sobre a importância do interculturalismo crítico, no âmbito de práticas de alfabetização e letramento no Município do Rio de Janeiro. Sua base teórica se ancora nos estudos de Freire (1996), referentes à educação como forma de intervenção no mundo; nas proposições de Walsh (2015) sobre decolonialidade e busca de equanimidade social; e nas propostas de Miranda e Riascos, tangentes a uma pedagogia antirracista (2016). Entendemos que as intervenções pedagógicas nas práticas de alfabetização e letramento precisam fundamentar-se em ações que valorizem a heterogeneidade linguístico-cultural, a aproximação entre a vida cotidiana e as atividades escolares e, de forma alguma, podem estar alheias ao afeto.

Palavras-chave: Interculturalismo crítico; Alfabetização; Letramento.

¹ Revisão e leitura crítica: Prof. Ms. Rafael Lázaro dos Santos (Departamento de Educação e Sociedade - UFRRJ).

² Agradecimentos incansáveis a todos os nossos alunos, à Regina Pimentel, Ana Christian Veneno, Tomil Gonçalves, Laís Orsolon e Walter do Valle.

UNIDADE 2 – 05/03/2018**Intervenções pedagógicas: conceito e desdobramentos críticos**

Com vistas a discutir a importância do interculturalismo crítico nas práticas de alfabetização e letramento no Município do Rio de Janeiro, este artigo se estrutura em quatro eixos: I) a compreensão sobre as ações de intervenção no âmbito da educação; II) a interdependência dos processos de alfabetização e letramento; III) as formas de intervenção pedagógica elencadas a partir dos estudos de Freire (1996), no que tange à autonomia dos educandos; IV) as contribuições dos estudos da interculturalidade crítica ao assunto em questão.

No que concerne às ações de intervenção na educação, recuperamos a discussão de Damiani et. al. (2013), uma vez que ressaltam que as intervenções pedagógicas, a partir de um planejamento voltado para o perfil dos educandos e das metas a serem alcançadas em um período específico, funcionam como interferências destinadas a promover avanços e transformações positivas na relação de ensino-aprendizagem. Entretanto, convém alijar aqui todo e qualquer vínculo do termo intervenção com propostas autoritárias, antidemocráticas, cerceadoras da liberdade, da pluralidade de ideias e culturas, pois, definitivamente, não estamos tratando, nem nos cabe tratar, de controle de comportamentos.

Trata-se de um empenho docente, num movimento de alteridade, isto é, de nossa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, numa relação interpessoal de caráter e identitário, orientada em coleta de dados sobre os alunos, a partir de uma diagnose. Esse procedimento se justifica porque estamos entrando no terreno dos educandos em sua autonomia, sensibilidade e experiências de vida; todo cuidado com seu universo subjetivo é pouco. Damiani et. al, pautando-se nas pesquisas de Tripp (2005) e Thiollent (2009), concebem as intervenções pedagógicas como: meios de produzir mudanças; busca de resolução de problemas, projetos de pesquisa-ação, que pensam possíveis soluções de ordem colaborativa e participativa, para dar conta de uma questão coletiva; que preveem aplicação e se sustentam em uma diretriz teórica.

UNIDADE 2 – 05/03/2018

Seguindo os princípios de Freire (1996), presentes na obra *Pedagogia da Autonomia*, examinamos como o termo *intervenção* é um referencial. Assim, construímos nossa leitura reflexiva sobre esse aspecto, atendo-nos ao que o autor considera “ensinar”:

INTERVENÇÕES		
PROFISSIONAIS	AFETIVAS	INTERCULTURAIS
Reflexão crítica sobre a prática.	Respeito aos saberes dos educandos.	Corporificação das palavras pelo exemplo.
Pesquisa.	Respeito a sua autonomia.	Aceitação do novo.
Convicção de que a mudança é possível.	Alegria e esperança.	Rejeição à discriminação.
Compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo.	Querer bem e saber escutar.	Reconhecimento e assunção da identidade cultural.

Cabe dizer que a seleção dessas intervenções é de uma importância ímpar quando trazemos à baila os processos de alfabetização e letramento. Para realizá-los de maneira coerente e com aproveitamento intelectual e desenvolvimento humano (no que tange à formação cidadã para convívio social e promoção da paz), precisamos estar atentos:

- ao nosso papel como educadores/mediadores na construção do conhecimento;

à indissociabilidade entre crítica e pesquisa na formulação de estratégias de atuação em sala de aula;

UNIDADE 2 – 05/03/2018

- ao vínculo entre profissionalismo e afeto como vias de respeito aos nossos alunos, pois não são folhas em branco, têm que ser tratados com carinho, segurança e ter espaço para que suas vozes ecoem na produção colaborativa de saberes;
- à elaboração de práticas baseadas em atitudes éticas;
- à força e à beleza da diversidade;
- ao repúdio de toda e qualquer forma de discriminação, destacando que racismo e bullying não são sinônimos;
- aos constituintes de nossa identidade;
- à crença na educação como possibilidade real de transformação, de redescrição de sujeitos, de engajamento social e discursivo.

Não queremos apresentar aqui nenhuma “receita de bolo”, conforme se diz amplamente no entorno do senso comum, porém, dificilmente propostas educacionais críticas, que almejam formar bons leitores, estão distantes desses parâmetros. Nesse contexto, damos relevo ao sentido da expressão “intervenção pedagógica” como uma ação de comprometimento profissional, afeto e movimento intercultural. Dessa maneira, os atores desse processo – **Professor (mediador) + Pais + Escola + Alunos** - devem estabelecer diálogos constantes, já que integrados e em atitude de ajuda mútua serão capazes de alcançar seus objetivos.

Alfabetização e letramento: processos interdependentes

As autoras deste artigo concebem a leitura e a escrita como atividades cognitivas, metacognitivas, psicossociais. Verdadeiras tomadas de consciência das realidades que nos cercam e nas quais estamos inseridos. Uma pessoa alfabetizada e letrada tem recursos para não se deixar humilhar, oprimir e discriminar, conforme ressaltara Freire (1960). Nesse sentido, a educação repele a marginalização. Mas por que tomamos a alfabetização e o letramento como processos interdependentes?

UNIDADE 2 – 05/03/2018

Estamos vivendo um momento de multiletramentos. Muitos de nossos alunos estão acostumados com presença dos controles, *tablets*, celulares, redes sociais... a depender da situação econômica de sua família, pode ser que não os tenham, mas, de uma forma geral, os conhecem e podem usá-los compartilhando com os demais. Nossa intenção aqui, ainda que brevemente, é mostrar que, para ampliar o raciocínio crítico de nossos estudantes, precisamos explorar a compreensão dos sentidos, pautando-nos na relação entre o suporte linguístico e o efetivo uso da língua. Cumprir levá-los a aproximar-se da língua escrita da forma mais natural possível e conduzindo-os pelos caminhos de suas funções, com as devidas adequações às etapas de aprendizagem.

El aula³ no es un globo de vidrio, aislado del mundo, lo que pasa dentro del aula está condicionado por lo que pasa fuera de él (LEFFA, 2006, p.1). O trabalho com a produção de sentidos, baseada na seleção linguística, sublinha os aspectos socioculturais, identitários, as questões históricas, as particularidades dos assuntos que surgem na sociedade (repúdio à discriminação, ao bullying, à falta de ética, a toda forma de violência originada a partir da diferença de credos, de gênero...). Todos esses elementos em diálogo aumentam a inerência entre alfabetizar (dar acesso e promover o domínio do sistema de escrita) e letrar (vínculo entre as práticas de linguagem e seus usos sociais).

Nossa meta é que o universo da leitura crítica, da expressão oral e produção escrita eficientes acompanhem nossos alunos ao longo da vida, como portas de conhecimento, de intervenção no mundo, de êxito profissional, de um bom convívio social. E, para tal, não convém desvincular a língua e suas diversas possibilidades de uso. Conseqüentemente, cremos na relação estreita entre alfabetização e letramento.

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos

³ Sala de aula.

UNIDADE 2 – 05/03/2018

de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p.97)

Aprender a escrever o seu nome tem mais sentido para o aluno se a história do mesmo acompanha o processo de ensino-aprendizagem. *Como seu nome foi escolhido? Peça para seus familiares lhe contarem esse segredo. Quem faz parte da sua família? Vamos estabelecer os combinados, para que a nossa sala seja sempre linda como vocês? Tem alguma palavrinha dos combinados que você não reconheça? Que segredo guarda a união de determinadas letras? Quais caminham juntas como você e seus amigos? Vamos construir nosso mural com as características e a história de cada colega? O que você gostaria de mudar em sua rua? Por quê?*

Todas as motivações e questionamentos acima, ainda que simples à primeira vista, quando bem conduzidos, podem levar os estudantes a se conhecerem melhor, a conhecerem os companheiros, a escola, a professora... Geram, assim, laços de afeto e de responsabilidade entre o ambiente escolar e as crianças... possibilitam a ampliação do pertencimento. Constrói-se respeito aos demais, às identidades étnicas e culturais.

UNIDADE 2 – 05/03/2018

A interculturalidade crítica como diretriz teórica de intervenções pedagógicas... a modo de conclusão

Entender a educação sob a ótica interculturalista crítica significa, conforme propõe Walsh (2009), dar espaço a um projeto de força humanizadora, construída a partir dos anseios e necessidades dos indivíduos, principalmente daqueles que estão à margem da sociedade. É um projeto entendido pela própria autora como algo em andamento, a se elaborar em conjunto, numa nova proposta de sociedade que leve em consideração o fortalecimento das identidades culturais, uma aprendizagem de caráter colaborativo, capaz de desenvolver habilidades diferenciadas de comunicação. Convém valorizar a inter-relação entre as pessoas, de modo que seus saberes sejam valorizados e colocados como concepções possíveis de visão de mundo (WALSH, 2007).

Ao alfabetizar e desenvolver práticas de letramento com nossos alunos, precisamos pensar em sua autoestima, contribuir para a compreensão de que as desigualdades sociais existem, mas que temos esperança de reverter muitas situações difíceis a partir da educação. É preciso que usem a palavra para se empoderar; ter a dimensão da importância da participação indígena e negra na constituição de nosso país; dar relevo aos saberes originários que nos identificam; despatriarcalizar, isto é, buscar um tratamento equânime entre homens e mulheres, num intenso repúdio à violência. Ler, escrever e usar a língua podem ser trabalhados com vistas a promover o equilíbrio ecológico e a prevenção no tocante à saúde; a despertar-lhes a segurança para que sejam independentes, autônomos e saibam partilhar conhecimentos e experiências de vida.

Consolidar a perspectiva intercultural de educação, para os diferentes segmentos que conformam a sociedade, exigirá uma **práxis** colaborativa para uma educação concebida também no chão batido de terra e nas associações organizadas para o fortalecimento identitário dos racializados, em sentido mais amplo. (MIRANDA e RIASCOS, 2016, p.558)

UNIDADE 2 – 05/03/2018

Vocês, nossos pacientes leitores, podem nos perguntar: - Nossa!!! Parece tão difícil conseguir desenvolver esse projeto intercultural!!! Realmente, não é fácil. Mas se o nosso intuito é realizar um bom trabalho, podemos adequar todos esses elementos que parecem tão difíceis às rodinhas de conversa; ao acesso a pequenos textos que circulam no dia a dia; ao acesso a gêneros variados; a uma brincadeira que desperte o cuidado com a ecologia e com o corpo; a um combinado de lembrar à mamãe para verificar se há criadouros de mosquito em casa; à construção de murais representativos da dinâmica do bairro em que vivem; ao debate sobre o cuidado com os demais...

Os processos de alfabetização e o letramento permitem aos nossos educandos ampliarem seu universo comunicativo, relacional, social e identitário. Aprendem a ler a vida, a ler o outro, a viver e a interferir positivamente no mundo. Pode não ser uma experiência fácil, mas, certamente, será uma gratificante tarefa que nos fará construir um mundo mais justo e ético.

Bibliografia

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel . Pelotas [45] 57 – 67, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEFFA, Vilson. Aspectos políticos de la formación del profesor de lenguas extranjeras. Em: LEFFA, Vilson (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355. (traducción al español, realizada por Gonzalo Abio, 2006).

MIRANDA, Claudia; RIASCOS, Fanny Milena Quiñones. **Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista**. Disponível em: <https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/view/3186>. Acesso: fev. 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pedagógica Pátio, Artmed Editora, 2004.

INTERAÇÕES 2018

PEDAGÓGICAS

Time de ALFABETIZADORES

UNIDADE 2 – 05/03/2018

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, colonialidad y educación. *Revista Educación y Pedagogía* 19, 2007:25-35.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y educación intercultural*. Seminario "Interculturalidad y Educación Intercultural", Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz.2009.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: Apuestas (des)de el surgir, re-existir y re-vivir*. 2015. Disponível em: <<http://www.antropologias.org/rpc/files/downloads/2010/09/Catherine-Walsh-Interculturalidad-cr%C3%ADtica-y-pedagog%C3%ADa-de-colonial.pdf>>. Acesso: fev. 2018.